

A inscrição tumular de Fr. António de Nebrixa*

A *Crónica da Província da Piedade*, de Fr. Manuel de Monforte, é um manancial inesgotável de informações de toda a ordem: históricas, literárias, artísticas, arqueológicas, linguísticas. O autor, frade da mesma província, serve-se de um estilo terso e tão nítido, que a exposição nunca resulta emaranhada ou confusa, nem mesmo quando se embrenha pelos caminhos intrincados das fontes documentais para a história da Ordem e das suas primeiras casas de religiosos. Vai o leitor anotando todos esses informes, relacionando conhecimentos, e concluindo como os ensinamentos de uma ciência aproveitam a outra; neste caso concreto, como a história literária aproveita à epigrafia, e vice-versa.

O visitante que percorre os espaços do castelo de Loulé, em boa hora recuperados, e onde o Município tem procedido a um trabalho notável de desfrute cultural, de que o arquivo histórico é exemplo concludente, depara numa das salas com materiais acumulados, destinados a um futuro museu municipal. Entre estes, algumas lápides portuguesas, e delas o seguinte epitáfio (Fig. 1):

AQVI ESTŌ OS
OSSOS DŌ S F AN
TŌNIO DĒ NĒBRIXA
F. 1579 . TRĀS. 602

A primeira impressão que se colhe da leitura deste texto seiscentista resulta da coincidência homônima entre o frade sepultado e o famoso gramático castelhano, o que mais não significará senão que teriam ambos, talvez, a mesma proveniência geográfica.

Que se sabe em Loulé daquele frade e donde proveio a lápide? Nada, ou muito pouco; terá vindo de um convento do Algarve, destruído pelo tempo ou pelos homens...

É aqui que vem em nossa ajuda a *Crónica da Província da Piedade*, no cap. XXV, do livro II:

«De alguns casos milagrosos, que sucederam nesta Casa de Silves, em tempo que estavam nela nossos frades.

* Colaboração de Maria Isabel Pestana de Mello Moser.

Cem anos habitaram nossos frades o Convento de Nossa Senhora do Paraíso de Silves; pelo decurso deles mostrou Deus, em alguns casos milagrosos, o cuidado que deles tinha: entre os muitos, que ali se viram, referiremos somente dous, de que nos ficou notícia mais certa. Sendo vigário desta Casa o Santo Fr. António de Nebrixa (de cuja estremada virtude e admirável santidade tratarei mais ao diante), aconteceu um dia não haver nela pão algum, com que os frades pudessem satisfazer sua necessidade. Chegaram-se as horas de comer, e vendo o porteiro, a cuja conta estava pôr alguma cousa no refeitório, que nem um pedaço de pão tinha que pôr na mesa, foi dar conta ao vigário da presente falta, em que se via: «Não será isso bastante», respondeu ele, «para que deixemos de ir ao refeitório; em sendo horas, mandarei tanger à Comunidade, e iremos dar graças a Deus pois por todas as vias Lhe são devidas.»

Obedeceu o porteiro a seu bom prelado: juntaram-se os frades às horas costumadas no refeitório, e começando o leitor a ler sua lição espiritual, como é costume, eis que com uma pressa extraordinária tangeram à portaria. Foi o porteiro ver quem era, e, abrindo a porta, achou junto dela dez guardanapos (tantos eram os religiosos que estavam no convento) e dez pães de grandeza e formosura notável: estava juntamente uma panela, onde vinham outras tantas rações de carneiro cozido, quente e bem assezoado, tudo coberto com uma toalha encrespada e branca como a mesma neve. Olhou o porteiro e não viu ali pessoa alguma, nem quem lhe pudesse dar razão de quem tangia: saiu fora da porta por ver se parecia alguém pelo caminho, ao redor da Casa, mas foi em balde sua diligência. Recolheu logo tudo assim como estava, levou-o ao refeitório, deu conta ao prelado do que tinha sucedido, o qual, para mais confirmação do caso milagroso, mandou muito à pressa dous frades, que fossem em redor da cerca, e por aqueles caminhos vissem se achavam alguém, que lhes pudesse dar notícia de quem ali trouxera aquela esmola. Foram eles, e depois de fazerem cuidadosamente diligências, se tornaram sem acharem alguma.

Comeram todos aquele dia da ração, que Deus milagrosamente lhes tinha mandado, dando-Lhe muitas graças por ela: mandaram depois dizer do púlpito que quem enviara aquela esmola ao convento o dissesse, e se nomeasse, para lhe tornarem o cesto e a toalha, e o mesmo mandaram também perguntar pelas aldeias vizinhas; mas como por ordem do Céu tinha vindo tudo, não houve na terra dono que lhe saísse. Estas diligências mandou, a meu ver, fazer o prelado, não porque duvidasse ser a esmola milagrosa, senão para que mostrasse evidentemente o milagre, movesse assim mais a seus súbditos a se entregarem totalmente a Deus, pois este Senhor mostrava que tinha deles particular cuidado: porque de crer é que varão tão santo, como o venerável Nebrixa, teria recebido de Deus revelação do que havia de suceder, o que se pode presumir da confiança com que entrou com os frades no refeitório, sabendo muito bem que não havia nele nada, ainda que isto podia também ser acto heróico da grande fé, que tinha. Como quer que fosse o sucesso, foi por todas as circunstâncias milagroso, e por tal julgado em toda a cidade, onde andou um daqueles dez pães, que o porteiro mandou a um dos cônegos da Sé (que ainda naquele tempo ali estavam), particular devoto e benfeitor do convento: este o mandou mostrar a outros, andando de mão em mão com o nome de milagroso.»

Eis aí fica, perfeitamente identificado, Fr. António de Nebrixa, e esclarecida a razão por que no epitáfio se lhe chama S(ANTO) F(REI) ANTÓNIO DE NEBRIXA. No futuro Museu de Loulé poderá ser acrescentada à lápide uma ficha elucidativa do visitante, se esta vier a merecer o respeito que o seu túmulo, no Convento de Nossa Senhora do Paraíso, em Silves, parece não ter merecido. Sugerimos que nela se escreva:

Lápide que, no Convento de Nossa Senhora do Paraíso, em Silves, assinalava a trasladação, em 1602, dos ossos de Fr. António de Nebrixa, vigário do Convento, falecido em 1579, com fama de santidade.

Lisboa, 24 de Março de 1986.



A inscrição tumular de Fr. António de Nebrixa